



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CRÓNICA.

GERMANO, Avelino

Ano: 1884 | Número: 1

Como citar este documento:

GERMANO, Avelino, Crónica. *Revista de Guimarães*, 1 (4) Out.-Dez. 1884, p. 216-220.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

CHRONICA

A Exposição industrial de Guimarães, que se conservou aberta no palacete de Villa-Flôr desde 15 de junho a 26 de julho, foi visitada por perto de 10:000 pessoas, não entrando n'esse numero os membros da commissão, expositores e industriaes, produzindo as entradas a quantia de 534\$250 reis, e os catalogos vendidos a de 34\$100 reis.

Ao encerramento, que teve logar pelas 6 horas da tarde, assistiu, além da commissão, auctoridades e corporações locais, o exc.^{mo} governador civil, que confessou quanto ficára agradavelmente impressionado pelo aspecto brilhante da Exposição, pela variedade e boa disposição dos productos expostos; felicitando por isso em termos calorosos todos que tinham concorrido com seu trabalho para tão lisonjeiro resultado.

A nossa festa, que para em tudo conservar a feição de inteiramente local, e devida exclusivamente á dedicação dos nossos conterraneos, que comprehendem o alto alcance d'estes certames, tinha sido inaugurada sem que o poder central tivesse um delegado seu, por quem alli officialmente se fizesse representar, mostrando d'esse modo quanto são para louvar e animar estas tentativas feitas no sentido de levantar as nossas industrias, impoz-se de tal modo á attenção publica pelas apreciações sobremodo favoraveis, que toda a imprensa do paiz lhe dispensou, que mais tarde o exc.^{mo} ministro das obras publicas, deferindo a um requerimento que lhe fôra dirigido, man-

dou um delegado seu, aliás competentíssimo, o exc.^{mo} director do Instituto Industrial do Porto, dr. Gustavo de Sousa.

S. exc.^a não deixará de, no cumprimento da sua missão, informar o respectivo ministro do estado em que se lhe apresentaram as industrias d'este concelho, assim como do modo por que convirá fomentar-lhes o desenvolvimento, e os meios de as aperfeiçoar e melhorar.

Esperamos com verdadeira anciedade o seu relatorio, que escripto com a imparcialidade que caracteriza o snr. dr. Gustavo, e competencia que ninguem lhe contesta, levará o convencimento do que são e poderão vir a ser as nossas industrias, aos que ainda se recusam a reconhecer a importancia d'este notavel centro industrial e commercial.

Depois d'isso, fiamos que se não demorará a promettida escola industrial, que esta cidade se mostrou com direito a exigir, sem para isso ser preciso mendigar protecção nem favor.

Quando uma terra exclusivamente com os seus proprios recursos se apresenta como Guimarães acaba de fazer, impõe-se de tal modo á consideração dos governos, que o não ser atendida nos seus justos pedidos, levar-nos-hia a descrêr do futuro do paiz.

Esperemos ainda: cedo ou tarde chegará para nós a hora de nos ser feita justiça, e de vêrmos realidados em favor da industria local os beneficios que lhe permittam attingir um maior desenvolvimento.

N'este sentido, é justo confessal-o, todos têm trabalhado, mas por em quanto... têm sido quasi inuteis todos os esforços empregados. Cumpre não desanimar nem descansar: continuemos todos com igual ardor na propaganda da instrucção; vamos dando aos nossos artistas as primeiras noções de desenho, despertando n'elles o amor e a necessidade d'estudo; procuremos fazer-lhes empregar as suas horas de folga nas leituras da bibliotheca, onde se instruem e moralisem; desviando-os dos logares onde se embrutecem e pervertem. Lance-mos mão das conferencias, das leituras publicas sobre assumptos que prendam com os trabalhos proprios de cada um; procuremos espalhar com mãos largas a instrucção, porque só por ella se póde levantar o nivel moral da nação, só por ella poderemos impôr-nos á consideração propria e d'estranhos.

Não esperemos tudo da acção dos governos, que geralmente têm outros assumptos, que de preferencia lhes tomam os cuidados e atenções; juntemos todos os nossos esforços, por-

que todos na medida de nossas forças podemos concorrer mais ou menos para um fim tão nobre e proveitoso. E que não falta o incitamento e o applauso dos bons espiritos aos trabalhadores de boa fé n'esta cruzada civilisadora, prova-o, além da protecção dedicada do illustrado professor da Universidade, o exc.^{mo} snr. dr. Bernardino Machado, verdadeiro apóstolo da instrucção e d'outros factos, o offerecimento feito á SOCIEDADE MARTINS-SARMENTO pelo distincto parlamentar o exc.^{mo} snr. Marianno de Carvalho da quantia de 20,5000 reis para ser dividida em dois premios, conferidos aos alumnos mais distinctos do curso de desenho industrial. S. exc.^a, querendo mostrar mais uma vez o seu interesse pela instrucção, resolveu ceder, em beneficio d'estabelecimentos d'ensino popular, da sua dotação como membro do conselho superior d'instrucção publica, e não esqueceu de inclair n'esse numero a nossa Sociedade.

Como testemunho de reconhecimento a tão singular obsequio e honrosa distincção, deliberou por unanimidade a assembléa geral que lhe fosse conferido o diploma de socio honorario, que s. exc.^a bem merece por auxiliar d'um modo tão generoso a SOCIEDADE MARTINS-SARMENTO na sua obra de regeneração social.

*

A via ferrea que ha pouco ainda nos ligou com o resto do paiz, já vai produzindo os seus naturaes resultados, melhorando as nossas condições economicas, dando mais facil e prompta sahida aos nossos productos, animando o commercio, e tornando-nos mais e melhor conhecidos dos nossos concidadãos. O movimento da linha tem sido animador, principalmente no transporte de mercadorias, o que promette lisongeiro resultado aos capitaes empregados n'esta empresa de verdadeira utilidade publica.

Folgamos deveras com isso, e por esta occasião não podemos deixar de instar com a exc.^{ma} camara para que não cesse de empenhar esforços para nos dar uma facil via de communicação com a estação de Villa-Flôr. É esse o complemento indispensavel do melhoramento de que gozamos.

A estrada actual, em tempo secco, e principalmente em tempo de chuva, torna a communicação com a estação ver-

dadeiramente incommoda, senão perigosa e impossivel. Não descancem pois os membros da camara, é de toda a urgência este melhoramento; não discutimos nem defenderemos como melhor qualquer das ruas apontadas, se bem que nos pareça preferivel a que mais directamente ligasse a estação com o centro da cidade; o que importa principalmente, o que é de urgente necessidade é que entre Guimarães e a estação se faça uma via de comunicação que possa ser percorrida sem incommodo nem perigo em todas as estações. Sabemos que da parte da camara tem havido todo o cuidado para a resolução d'este assumpto, e que ha já trabalhos e estudos feitos, mas cumpre não adiar indefinidamente a solução d'este negocio.

Os meios provisorios lembrados parece-nos não satisfazer o fim que se tem em vista; podem até, adiando-se a solução definitiva, trazer mais tarde maiores embaraços e difficuldades.

*

A imprensa local tem empregado louvaveis esforços para conseguir que a conducção das malas do correio seja feita pela via ferrea, deixando de ser conduzida, como ainda succede, vergonha é dizel-o, em carro por Famalicão...

As suas instancias reiteradas, ás representações da exc.^{ma} camara, e digna Associação Commercial, ao auxilio prestado por grande parte da imprensa do paiz no mesmo sentido, responde, como de costume, a inercia dos governos quando qualquer medida da mais reconhecida utilidade publica, não é determinada e exigida por outras conveniencias. É questão apenas d'uns 400\$000 reis que não estão inscriptos no orçamento: é o santo horror ao desvio da sua legal applicação d'essa mealha, que impede o favoravel deferimento de tão justificada pretensão apesar da *boa vontade*, que anima o respectivo ministro.

Nós diremos antes, é a legitima consequencia do modo por que Guimarães tem procedido ha muito tempo, aceitando todas as imposições, não se apresentando como devia e podia nas occasões unicas em que os governos se lembram, de que dependem dos povos, de quem são apenas representantes. É toda nossa a culpa: n'esta como em todas as questões d'inte-

resse local ver-nos-hemos sempre esquecidos e menosprezados, e é simplesmente justo, o contrario é que seria verdadeiramente motivo de reparo e estranheza. Bastem-nos promessas de futuro engrandecimento: consolemo-nos com isso; já não é pouco conseguir que os governos se lembrem de nós, promettendo fazer justiça ás nossas mais justas pretensões, áquellas mesmo que já ha muito as leis nos garantem. Que mais queremos nós?

Dentro em pouco abrir-se-hão as camaras; levemos lá as nossas queixas, façamos valer a justiça das nossas reclamações; é possível, é quasi certo que n'aquelle recinto se erguerão algumas vezes em nosso favor e talvez que então sejamos attendidos: até esse momento é melhor largar mão do assumpto, porque será tempo e trabalho perdido.

Oxalá nos enganassemos.

*

A nossa Sociedade n'este periodo bem curto viu desapparecer d'entre os seus consocios os exc.^{mos} snrs. Antonio José Pinto Guimarães, padre Antonio José Ferreira Caldas e commendador Francisco José da Costa Guimarães. De todos tinha a nossa Sociedade muito a esperar para a realisação da sua obra civilisadora, nomeadamente do moço padre Caldas, cuja culta intelligencia, tão cedo apagada pelo sopro da morte, se norteava para o estudo dos monumentos de Guimarães, tendo produzido já dous valiosos volumes de historia d'esta cidade, promettendo muito mais.

Que me seja permitido commemorar com saudade a perda de tão prestimosos consocios e d'um velho amigo dos saudosos tempos escolares.

Guimarães, 30 de setembro de 1884.

AVELINO GERMANO.